

# Martin Heidegger e a questão da técnica: os 10 anos da obra de Francisco Rüdiger\*

**Paola Marcon**

Mestranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES.  
E-mail: paolamarcon.jor@gmail.com

**Carlos Roberto Gaspar Teixeira**

Mestrando do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES.  
E-mail: eu@ocarlosteixeira.com.br

## Resumo

A técnica na era moderna se distingue da técnica de tempos anteriores. Isso porque existem diferentes modos de ser da técnica, assim como o modo de ser técnico é apenas uma dentre tantas possibilidades. Em “Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem”, o jornalista, professor e doutor em Ciências Sociais Francisco Rüdiger apresenta uma leitura crítica das obras de Heidegger e expõe, de maneira reflexiva, as ideias centrais do autor sobre a questão da técnica. Este trabalho, que contempla os dez anos de lançamento da primeira publicação, traça um comparativo entre as duas edições do livro e busca compreender, de forma sintética, alguns aspectos do pensamento de Heidegger, abordados nas obras de Rüdiger (2006, 2014).

## Abstract

Technique in the modern era is distinguished from the technique of earlier times. This is because there are different ways of being of the technique, just as the technical way of being is one of many possibilities. In “Martin Heidegger and the question of technique: Prospects on the future of man”, the journalist, professor and doctor in Social Sciences Francisco Rüdiger presents a critical reading of Heidegger’s work and exposes, in a reflective way, the central ideas of the author of the question of Technique. This essay, which contemplates the ten years of the first publication, draws a comparison between the two editions of the book and seeks to understand, in a synthetic way, some aspects of Heidegger’s thought, approached in the works of Rüdiger (2006, 2014).

Trabalho elaborado a partir das duas edições do livro de Francisco Rüdiger (2006, 2014).

## 1. INTRODUÇÃO

Os primeiros registros das reflexões de Francisco Rüdiger sobre o pensamento de Heidegger completaram dez anos em 2016. A primeira edição do livro “Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem” foi lançada em 2006. Em 2014 a obra foi publicada novamente, com alguns ajustes realizados pelo autor. Embora seja possível perceber algumas alterações, a essência das obras continuou a mesma. Da primeira para a segunda edição houve uma pequena redução de conteúdo, visando obter maior objetividade em relação a alguns temas abordados. Dentre esses e outros pontos, acrescentou-se um capítulo sobre os interlocutores com quem Heidegger transacionou sua discussão sobre a técnica.

Este trabalho, além de traçar um paralelo entre as duas edições do livro, apresenta uma leitura sobre o pensamento de Heidegger a partir da interpretação de Rüdiger. No livro o autor aborda o pensamento profundo e original do filósofo alemão a respeito da técnica e sua questão, oferecendo uma proposta de reflexão que vai além dos discursos encontrados atualmente.

Heidegger não fala do ôntico (da coisa em si), mas realiza uma ontologia histórica (diferente dos gregos), analisando como o mundo vai se formando através do aparecimento de seus vários modos de ser. O autor faz uma desconstrução da filosofia moderna através do cartesianismo – a partir da análise das transformações históricas que vão acontecendo no mundo.

Heidegger não é um pensador científico, mas sim um crítico da ciência: ele propõe outra forma de estudo do ser que não é metafísica tradicional. O ser importa, porém, para entender melhor é preciso romper com a metafísica. O autor explica o homem e a técnica a partir do ser.

Antes de abordar a técnica em si, Rüdiger (2014, p. 23) apresenta a visão heideggeriana sobre a filosofia da técnica: “[...] o filósofo deve ser visto, antes, como um pensador da essência da técnica. Para ele, o sentido da técnica não é algo técnico”. Heidegger vai

contra a filosofia da técnica. Ele falou sobre a técnica, porém, rejeitou explicitamente a filosofia da técnica; foi contra o pensamento da filosofia do mundo antigo, comprometendo-se em desconstruí-la.

Do ponto de vista moderno, a expressão filosofia da técnica é, no mínimo, ambígua, porque, em termos modernos, técnico é tudo que exclui a reflexão (filosofia). Nesse sentido, a técnica não põe questão espiritual alguma: ela sabe ou não sabe, opera ou não opera, funciona ou não funciona. (Rüdiger, 2014, p. 23).

Este estudo propõe a seguir um comparativo entre os sumários das duas edições do livro, apresentando as principais diferenças entre as obras. Posteriormente são apresentados de forma sintética aspectos do pensamento de Heidegger, abordados na primeira obra de Rüdiger (2006) e revisados em sua segunda edição (2014). A síntese foi elaborada tendo como referência a última edição.

## 2. UM PARALELO SOBRE AS DUAS EDIÇÕES (2006 E 2014)

A partir da observação comparativa dos sumários das duas edições da obra “Martin Heidegger e a questão da técnica” (Rüdiger, 2006, 2014), é possível verificar uma manutenção estrutural do primeiro livro, com um acréscimo de um capítulo (número 3), em que foi ampliada a base bibliográfica de análise dos autores que contribuíram para o pensamento heideggeriano. Conforme cita o próprio autor:

Os estudos que empreendemos durante o intervalo entre esta edição e a anterior, mais a ampliação do repertório bibliográfico, nos obrigam a revisar nosso primeiro tratamento da matéria. A estrutura permanece em linhas gerais a mesma, mas ampliou-se o texto em um capítulo, originalmente previsto para a primeira publicação, em que se situa o contexto de elaboração da reflexão heideggeriana sobre a técnica, convocando os intérpretes com os quais ela dialogou ou fez oposição (Rüdiger, 2014, p. 7).

Ao estabelecer as origens históricas da questão da técnica no pensamento de Heidegger, Rüdiger aprofunda as reflexões em relação à primeira edição, apresentando as visões da técnica para os antigos, os modernos e inserindo outros autores além

de Nietzsche, como Simmel, Spengler e os irmãos Jünger, os quais Heidegger de alguma maneira dialogou para desenvolver sua reflexão.

Também nota-se que, apesar da ampliação estrutural do conteúdo, o número total de páginas da obra foi reduzido de 247 para 199 páginas. Segundo Rüdiger (2014), tal fato ocorreu devido à remoção de passagens repetitivas e transcrições que poderiam gerar algum tipo de confusão interpretativa ao leitor.

O aprofundamento e extensão dos estudos no intervalo de mais de 7 anos possibilitaram que Rüdiger, além de reconfigurar e rever alguns aspectos sobre as reflexões iniciais, modificasse suas conclusões acerca do pensamento heideggeriano, como ele mesmo cita:

O criticismo em parte ingênuo, em parte deslocado que havia no último capítulo foi igualmente retirado. A proposta de interpretação alternativa sobre a proveniência e estatuto da figura do que o filósofo denominou de armação foi mantida. A argumentação, porém, foi bastante retrabalhada, visando dar conta de como o assunto se conecta com os problemas do ser, da poíesis e do evento apropriador (Rüdiger, 2014, p. 7).

O quadro 1 ilustra comparativamente as modificações estruturais entre os sumários das edições de 2006 e 2014 e elucida as alterações propostas pelo autor na revisão de sua obra.

**QUADRO 1 - COMPARATIVO DE SUMÁRIOS**

1ª Edição (2006)	2ª Edição (2014)
<p><b>Capítulo 1</b></p> <p>Lance de vista sobre o que está posto: técnica, história e metafísica</p> <p>Pensamento reflexivo e diagnóstico do presente</p> <p>Atualidade e metafísica da armação</p> <p>Do ocidente ao planetário, via tecnologia</p>	<p><b>Capítulo 1</b></p> <p>Lance de vista sobre o presente: a filosofia da técnica e o diagnóstico da atualidade</p> <p>As Conferências de Bremen</p> <p>A técnica e a filosofia da cultura</p>

1ª Edição (2006)	2ª Edição (2014)
<p><b>Capítulo 2</b></p> <p>Bastidores do enfrentamento: origens históricas da questão da técnica</p> <p>Nietzsche: modernidade e consumação da metafísica</p> <p>Metafísica, técnica e poesia na Antigüidade</p>	<p><b>Capítulo 2</b></p> <p>Antigos e modernos: origens históricas da questão da técnica</p> <p>A técnica segundo os antigos</p> <p>A técnica segundo os modernos</p>
<p><b>Capítulo 3</b></p> <p>Maquinação e vivência: a época do mundo como imagem (tecnológica)</p> <p>A ascensão do matemático e o advento da armação</p> <p>Tecnologia e metafísica da subjetividade</p>	<p><b>Capítulo 3</b></p> <p>Bastidores do enfrentamento: a recepção dos herdeiros de Nietzsche</p> <p>De Simmel a Spengler</p> <p>O confronto com os irmãos Jünger</p>
<p><b>Capítulo 4</b></p> <p>A questão da técnica: esclarecimento e circunstâncias</p> <p>Técnica e essência da técnica</p> <p>Armação: caráter e sentido</p>	<p><b>Capítulo 4</b></p> <p>Maquinação e vivência: a ascensão do matemático e a era moderna</p> <p>O matemático e o advento do saber como certeza</p> <p>A antropologia e a metafísica da subjetividade</p>
<p><b>Capítulo 5</b></p> <p>O império da armação: a escala do pensamento tecnológico</p> <p>História e pensamento</p> <p>Tecnologia e ultrafísica</p> <p>Linguagem e projeto cibernético</p>	<p><b>Capítulo 5</b></p> <p>A questão da técnica: esclarecimento e circunstâncias</p> <p>A técnica e essência da técnica</p> <p>A armação: acontecimento e sentido</p>
<p><b>Capítulo 6</b></p> <p>Balço da reflexão heideggeriana: acontecimento, sabedoria e reviravolta</p> <p>Reflexão e quietismo</p> <p>Resignação e espera</p>	<p><b>Capítulo 6</b></p> <p>O império da armação: a escala do mundo tecnológico</p> <p>A meta e a ultrafísica</p> <p>A poíesis e o projeto cibernético</p>
X	<p><b>Capítulo 7</b></p> <p>Balço da reflexão heideggeriana: acontecimento, sabedoria e reviravolta</p> <p>Eleição e quietismo</p> <p>Resignação e Utopia</p>
<b>Conclusão</b>	<b>Conclusão</b>

Fonte: Rüdiger (2006, 2014). Elaborado pelos autores.

A partir deste paralelo é possível observar uma redução na conclusão da segunda para a primeira edição. O autor retirou a argumentação crítica e interpretativa sobre os pensamentos heideggerianos, atendo-se prioritariamente à questão da técnica e do ser, sem juízos de valor mais aprofundados, visando mais objetividade em relação aos assuntos abordados. De certa forma a adaptação enfatiza a essência do pensamento de Heidegger, o que possibilita uma ampla interpretação por parte do leitor. Seguindo a linha de raciocínio do autor, a síntese a seguir foi elaborada a partir da última obra de Francisco Rüdiger (2014), “Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem”.

### 3. O HOMEM E A QUESTÃO DA TÉCNICA NA HISTÓRIA DO SER

Heidegger não tem a pretensão de se tornar um filósofo da técnica. Pelo contrário, Rüdiger (2014) mostra que o filósofo alemão faz uma crítica à filosofia da técnica e busca compreender o mundo por um viés histórico ontológico, direcionado ao ser, contrapondo autores como Nietzsche, Castoriadis, Simmel, Spengler e Jünger, e outros. Heidegger propõe uma nova maneira de pensar o mundo através da fenomenologia e critica as bases de pensamento dominantes até então, como a teologia e a antropologia, colocando a história do ser como ponto central para o entendimento do mundo.

Para Heidegger, o mundo não pode ser explicado pelo homem, porque ele enxerga o humano como uma criação, como algo inventado, que surgiu na antiga Grécia, 500 anos A.C.. Isso porque não há como separar o homem da palavra que o define: “o homem é *anthropos* e, portanto, uma criação poética do mundo antigo, de modo que só a partir dele se pode falar em técnica” (Rüdiger, 2014, p. 57). Essa definição surge na Grécia antiga com a palavra *anthropos*, traduzida para o latim como *homo*. É neste mesmo período histórico que surge a palavra *techne*. *Anthropos* e *techne* são atreladas uma à outra nesse momento; a partir daí o homem e a técnica começam a caminhar juntos na história do ser.

Heidegger não enxerga problemas na técnica

mesma, senão os próprios problemas técnicos, ainda que assuma que ela está sempre engajada. Ele distingue a técnica da questão da técnica e mostra que a primeira é uma questão matemática, de cálculo, e a segunda remete à filosofia. Nesse sentido, Rüdiger mostra que a questão de Heidegger não é a técnica mesma, mas o modo de ser da técnica. Para a filosofia, a técnica enquanto tal não deve importar. Ele justifica isso argumentando que desde a origem um dos nossos modos de ser é o modo de ser técnico. A técnica não é algo que possamos nos livrar, não se pode pensar em não a utilizar; ela aparece, é um julgamento subsequente, porque, para Heidegger, a técnica faz parte do nosso modo de ser. Ser técnico é uma das possibilidades do ser. Técnica é um modo de ser do humano. Logo, ela se caracteriza por variados e múltiplos sentidos.

A filosofia da técnica explica a técnica a partir do homem. Heidegger pensa a técnica e o homem a partir do ser. Para os antigos, o homem cria e usa a técnica, seja para o bem ou para o mal, e a atividade técnica é vista como a primeira atividade humana. A visão heideggeriana discorda veementemente disso: “Vendo bem, a técnica é algo que muda de sentido de acordo com o modo como somos interpelados historicamente. O emprego de instrumentos por parte do homem não basta para definir técnica” (Rüdiger, 2014, p. 54). Na ontologia heideggeriana, a forma do pensamento é determinada pelo modo de ser. Tudo o que se afirma passa a existir; a questão é como existe. Segundo o filósofo, o modo de existir é uma questão ontológica e essa questão ontológica tem história e se altera ao longo dos tempos.

Heidegger questiona se o modo de ser antropológico, frente à era moderna, deixa de existir, dando lugar a um novo modo de ser, que ele chama de pós-humano. Para o filósofo, o discurso antropológico indica um modo de ser dominante, mas não definitivo, apenas um modo de ser em meio a tantos outros.

A essência se contrapõe à aparência e o ser é o tópico central na filosofia de Heidegger. A fenomenologia heideggeriana estuda as coisas que aparecem a partir da história do ser. Ele critica a filosofia da técnica e explica de onde ela se origina. Neste caso, o fenômeno é algo que aparece para alguém, que

está em determinado lugar. A fenomenologia seria a fala sobre algo que está dado, que se põe no mundo. Ou ainda uma forma de relatar/narrar o mundo. Heidegger narra o mundo moderno através do ser e as questões do ser no mundo existencial são respondidas através do ente. O ser em Heidegger coincide com a história e os fatos históricos ocorrem por causa do ser. O ser se desloca, comanda e modifica os entes de acordo com sua história.

Para Heidegger a técnica seria um ente e a essência da técnica é metafísica. A metafísica pode ser considerada como uma estrutura de pensamento, um modo de ser que domina e organiza a história de um mundo no ocidente. Desta forma, o modo de ser grego é espalhado por todos os territórios do mundo. Em Heidegger, a metafísica comanda a estrutura de pensamento, da Grécia antiga até os dias de hoje. Tudo existe metafisicamente, mas Heidegger propõe uma forma de pensar o mundo diferente da metafísica.

A ciência e a técnica se aproximam uma da outra somente na atualidade; no mundo antigo elas eram dissociadas. É importante compreender a técnica como um conceito filosófico, algo abstrato, que pertence ao âmbito da reflexão. Para Heidegger, a ciência não pensa a respeito do que faz e nem procura compreender as situações sem antes reagir a elas. Neste caso, o trabalho da filosofia não é estar contra ou a favor, mas refletir, criticar e questionar.

A técnica se relaciona com as coisas, mas não é uma coisa. Ela não pode ser confundida com um objeto técnico: objetos técnicos têm relação com a técnica, mas não é a técnica mesma. Assim, a técnica pode ser considerada uma mediação filosófica de mundo que se manifesta através de objetos. Rüdiger explica que, para Heidegger, “a técnica é, em essência, uma forma de saber, que se objetiva não apenas em várias coisas, mas conforme diversos princípios de interpelação” (Rüdiger, 2014, p. 41).

Somente na atualidade que a técnica se transmuta em tecnologia. A ciência da técnica é desconhecida no mundo pré-moderno – ciência, filosofia e técnica são conceitos da origem do saber que se opõem ao mito e a mitologia. Para Heidegger, a diferença entre

técnica e tecnologia indica uma mudança no mundo e em seu modo de ser.

Na era tecnológica é possível que o homem desapareça como tal, já que não está no controle, no comando de certas situações. Os organismos humanos estão envolvidos por mecanismos técnicos, surgindo assim o período pós-humano. Para Heidegger, a humanidade não é o ponto de partida, é um intervalo de tempo na nossa história. O humano é uma identidade que podemos assumir, é uma forma de ser, mas não significa que seja a única. Na era tecnológica o humano passa a assumir uma identidade maquinista e calculada, surgindo assim um outro modo de ser.

A técnica e a tecnologia são categorias metafísicas formadoras de mundo: elas determinam modos de ser. Heidegger critica a fala sobre a técnica – não a técnica mesma, já que a técnica está diretamente relacionada com o modo de ser do homem. O homem define a técnica e a técnica define o homem desde a antiguidade, entre os gregos até os dias de hoje. Em Heidegger, a técnica pode ser considerada como uma dimensão do saber que tem poder. Não é possível dominá-la, porque ela remete ao conhecimento e o saber não pode ser controlado. A tecnologia existe metafisicamente, não é possível vê-la, mas é certo que ela existe. O mundo se apresenta para nós, na maior parte do tempo, metafisicamente.

O tema de Heidegger não é a técnica mesma (a técnica mesma é questão de conhecimento – ou se sabe ou não se sabe), mas é a questão da técnica. O domínio do processo que coincide com o conhecimento é a tecnologia e o resultado desse domínio atinge cada dia mais e mais pessoas. A técnica evolui a tal ponto que nos tornamos incapazes de compreendê-la. Nesse sentido, a própria técnica se torna desorientada e destrutiva. Para o filósofo, não precisamos dominar a técnica, mas é necessário refletir sobre ela e compreender que sua essência está atrelada ao nosso modo de ser.

Homem e técnica surgem no mundo antigo como manifestação da natureza e convivem em igualdade, no mesmo nível de relação mútua. A fusão da ciência com a técnica acontece gradativamente e a tec-

nologia passa a ocupar o lugar do humano na era moderna. Heidegger questiona quem é o homem, onde e quando ele apareceu, como se desenvolveu e por que está aí até agora. Para ele o mundo é formado por tudo aquilo que compreende o ser e o ente. É a soma de todos os entes. O humano é apenas uma das possibilidades de ser que se impõe sobre todas as demais possibilidades; mas, como mostra o filósofo, pode não ser a referência fundadora das questões que vivemos.

Heidegger diz que a metafísica na era moderna aparece cada vez mais no discurso sobre a técnica, disfarçada de tecnologia. Nesse contexto, tecnologia não é sinônimo de técnica: é a fala, o discurso filosófico sobre a técnica. A fala sobre a técnica não é a técnica mesma; elas estão em planos distintos. A ciência é inseparável da filosofia, e a filosofia assume um caráter de discurso sobre a técnica.

Na modernidade ocorre uma aproximação entre os conceitos de técnica e tecnologia, a ciência e a filosofia estão em tensão. Conforme Rüdiger:

Quando nasceu a moderna ciência da natureza e a técnica foi reinterpretada como tecnologia, houve uma mudança na posição de fundo com que os entes eram interpretados, como mostra o fato de a ciência ter se tornado um saber que monopoliza a verdade e a técnica, um saber que calcula e comanda de acordo com essa verdade. A ciência moderna é empírica e experimental, mas, antes de tudo, uma ciência que calcula e projeta, e assim o é porque foi subordinada à técnica (pela armação). (Rüdiger, 2014, p. 99).

Segundo Heidegger, o conceito moderno de tecnologia equivale ao discurso sobre a técnica; tecnologia seria uma ciência da técnica, que é uma categoria do pensamento moderno, uma mudança no modo de ser da técnica. A tecnologia está no mundo por nosso intermédio, mas não somos nós que dizemos para aonde ela vai, ela surge e vai tendo seu intercurso entre nós. Para o autor, o que tem a ver com tecnologia nos domina; independentemente desse domínio ser bom ou mal, não é possível ignorar o assunto, deixar de falar seja positiva ou negativamente. Na comunicação contemporânea parece inevitável, necessário e obrigatório que nós nos pronunciemos sobre tecnologia, não interessa se contra ou a

favor, mas precisamos levar em conta esse fator. Esse domínio é entendido como algo que se tornou inevitável, um destino, um lugar onde nós caímos, porém, sem pensar a respeito. Heidegger propõe começarmos a pensar sobre a tecnologia, nem contra, nem a favor, mas sim o quanto que ela se impõe sobre nosso ser, nós queiramos ou não.

A questão é que essa reconfiguração da era moderna também interfere na técnica, pois converte a técnica de saber em meio. A técnica passa a ser um meio para o homem atuar no mundo. O mundo se apresenta como um meio a ser dominado e passa a ser um meio de dominar a natureza. Sendo assim, o homem se distancia da própria natureza, libertando-se do divino e dominando a natureza através dos meios técnicos, criando um mundo ou uma realidade artificial. O domínio da natureza se dá através da sua transformação: o que era natural dá lugar ao artificial, inclusive o próprio homem. Esse processo faz com que a técnica se espalhe, surgindo assim a armação. A armação pode ser entendida como um determinado modo de ser da técnica na era moderna. Para Rüdiger (2014, p. 161), “a armação se resume na tomada da técnica por um processo criador de figuras eidética, fórmulas vazias e imagens abstratas”.

Armação é o sentido – a essência da técnica, o modo de ser da técnica na modernidade para Heidegger. Na era da armação a técnica adquire um aspecto sistêmico, um caráter automático, passível de cálculo e projeções. Na dinâmica da armação, onde todos estão envolvidos, uma grande parcela da população realiza o que é decidido por uma minoria. A organização da vida coletiva é sistêmica, cada ação assume grandes proporções: onde uma parte se move, todas se afetam. Essas situações tornam-se cada vez mais decisivas em tudo o que acontece, sem que possamos perceber: “a armação prende o homem e seu corpo em uma rede de processos técnicos e formas maquinísticas” (Rüdiger, 2014, p. 169).

Heidegger propõe uma reflexão sobre a questão da técnica e pensa sobre o contexto do mundo moderno envolvido pela armação. Fica evidente que chegamos a um ponto em que é impossível dominar a técnica, mas o filósofo acredita na possibilidade de estabelecer uma relação livre da tecnologia, da arma-

ção. A grande questão que fica para reflexão é: o que restará da condição humana quando a máquina passar a realizar as tarefas, antes realizadas pelo homem? Rüdiger (2014, p. 183) explica que “a técnica se associou à ciência, e seu sentido é a armação de nossa existência como reserva de recursos calculável, explorável e reciclável em termos maquinísticos, a criação de um mundo pós-humano”.

Para Heidegger, a armação é o nome do ser na era contemporânea: o ser coincide com a armação e passa a ser sistêmico. Desta forma, a identidade humana não se afirma, não se consolida, nem impera na era da tecnologia. A técnica moderna cede assim, espaço para outros modos de ser. Rüdiger assume que:

Se fomos ganhos pela armação, não nos resta senão trabalhar com suas circunstâncias, procurando saber as apostas que nos foram lançadas e os riscos que corremos, sem ilusões sobre o alcance que pode ter cada uma de nossas decisões. Rüdiger (2014, p. 178).

206 A tecnologia está no mundo por nosso intermédio, mas não somos nós que dizemos para aonde ela vai. Ela surge e vai tendo seu intercurso entre nós, e o pensamento heideggeriano acrescenta que ela não é alguma coisa que o homem controle ou comande, embora sem o homem ela não aconteça. A técnica não é um sujeito, não é algo que se desdobra, que faz parte da técnica mesma; ela não se transforma em uma pessoa. E como ela não é uma pessoa, ela não tem vontade, plano, projeto, opções. Sujeito é todo aquele que pode ser responsabilizado por uma ação, e a técnica não o é.

Para nosso modo de ser estar cada vez mais disponível e sistematizado, ele precisa de um modo que o sustente, aí surge a tecnologia. A armação é o que torna a tecnologia central ao modo de ser. Nosso modo de ser vai se ancorando na tecnologia, transformando a própria essência do ser no processo de armação. Heidegger diz que a culpa de tudo isso não é da técnica, não é do homem, mas tem a ver com a história do ser; e o que virá depois não há como saber. O que ele está propondo é que a gente pense, reflita, considere essas questões.

## REFERÊNCIAS

---

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica**: Prospectos acerca do futuro do homem. Porto Alegre: Editora Sulina, 1ª edição – 2006.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica**: Prospectos acerca do futuro do homem. Porto Alegre: Editora Sulina, 2ª edição – 2014.

**Recebido**\_20 de julho de 2017.  
**Aprovado**\_21 de agosto de 2017.